



A (DES) LEGITIMAÇÃO DO DESEJO: SEXUALIDADES DISSONANTES NA SOCIEDADE OCIDENTAL¹

THE (DIS) LEGITIMATION OF DESIRE: SEXUALITIES DISSONANT IN THE WESTERN SOCIETY

Darlan Roberto Santos²

RESUMO: O presente artigo configura-se como um debate acerca do sexo, em especial, da homossexualidade, com ênfase nas diferentes perspectivas sobre o assunto, ao longo da História. Para isso, apresenta-se um retrospecto da homoafetividade, desde a aceitação nas sociedades antigas, em especial, na Grécia, passando pela condenação e o preconceito que permearam (e ainda permeiam) o mundo ocidental, até a obtenção da visibilidade, através das mídias, na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Sexo; Homossexualidade; Sociedade Burguesa; Cultura de Massa.

ABSTRACT: This article is a debate about sex, particularly homosexuality, with emphasis on the different perspectives on the subject, throughout history. For this, we present a retrospective of homosexuality, since the acceptance in ancient societies, especially in Greece, through condemnation and prejudice that occurred (and still is) the Western world, to obtain the visibility through the media, nowadays.

KEY WORDS: Sex; Homosexuality; Burgess Society; Mass Culture.

Introdução

O indivíduo autônomo sedimentou-se graças ao pensamento iluminista³, potencializado através da ideologia burguesa, a partir da qual podemos definir um tipo de subjetividade denominada *Homo psychologicus*, *Homo privatus* ou personalidade introdirigida. Trata-se, pois, do paradigma do homem moderno, centro em torno do qual gravitaram todos os acontecimentos dos últimos três séculos. Entrementes, o processo de cristalização do eu no ocidente fomentou-se a partir de um questionamento “universal”: “Quem sou

¹Este artigo é uma versão atualizada e ampliada do ensaio A ditadura do desejo: matizes do sexo na sociedade burguesa, publicado na Revista Vertentes (v.25, p.115 - 121, 2005).

² Doutor em Literatura Comparada (Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural) pela UFMG. E-mail: fenixdr@gmail.com

³ Conforme Stuart Hall, “o sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação (...). O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa”. (HALL, 2002, p.10-1)



eu?”⁴. Tal empreitada teve início muitos séculos antes do advento burguês, e diversos pensadores ocuparam-se em apontar indícios dessa concepção. É o caso de Santo Agostinho, conforme esclarece Paula Sibilia:

A obra de Santo Agostinho abriga as primeiras metáforas de introspecção. Nas páginas das suas Confissões aparecem, pela primeira vez na tradição ocidental, as exigências do auto-exame perpétuo. Por isso, esse monge que viveu nos séculos IV e V da era cristã é reconhecido habitualmente como ‘o pai da interioridade’, além de ter assinado um dos primeiros escritos autobiográficos da história” (SIBILIA, 2008, p. 93).

Embora as assertivas de Santo Agostinho tenham sido elaboradas em um contexto específico, no qual a autoexploração tinha o firme propósito de levar os cristãos a Deus, podemos considerá-las fundamentais na maneira de se identificar o ser humano de modo diverso daquele que vigorava na Idade Média, ou, nas palavras de Sibilia (2008, p. 94), “assim ficou delineada, nesses escritos pioneiros, uma primeira formulação do sujeito como o lugar da verdade e da autenticidade”.

Mais tarde, teóricos dos séculos XVI e XVII retomariam as reflexões de Santo Agostinho, galgando novos passos rumo à teorização do eu moderno. Descartes, com sua filosofia do “voltar-se para dentro”, apontou a razão como fundamento da existência do eu. De acordo com Taylor:

Descartes é o fundador do individualismo moderno, porque sua teoria faz o pensador individual voltar-se para sua própria responsabilidade, requer que ele construa uma ordem de pensamento para si mesmo, na primeira pessoa do singular. Mas ele deve fazer isso de acordo com critérios universais; raciocina como qualquer um e como todos. (TAYLOR, 1997, p.237)

Paralelamente aos estudos descartianos, no século XVII entram em cena as “grandes proibições”, segundo Foucault (1993), com a valorização exclusiva da sexualidade

⁴ Na tentativa de traçar os caminhos percorridos pela humanidade, no desvendamento desse dilema, o filósofo Charles Taylor produziu uma notável obra, *O self no espaço moral*. Apoiado em pensadores de diferentes épocas, o autor mostra a importância das ciências humanas, das artes e da literatura, na definição do self que permeia a sociedade moderna.



adulta e matrimonial. O período também é marcado pela adoção do conceito de “homem natural” (Highwater, 1992), que proporcionava a base para a crença no comportamento sexual “natural”, contrário ao “inatural”. As relações de sexo foram modificadas, conforme observou Foucault:

Pode-se admitir, sem dúvida, que as relações de sexo tenham dado lugar, em toda sociedade, a um dispositivo de aliança: sistema de matrimônio, de fixação e desenvolvimento dos parentescos, de transmissão dos nomes e dos bens. (FOUCAULT, 1993, p. 100)

Pouco a pouco, todas as concepções de sexo que fugissem à célula familiar, heterossexual e com objetivos de procriação, foram tornando-se condenáveis. Muito além da restrição penal, as variantes do sexo passaram a ser reprimidas de maneira severa, paralelamente ao desenvolvimento do Capitalismo. Com o sexo fadado à proibição e ao mutismo, o simples fato de falar sobre ele foi adquirindo ares de “transgressão deliberada”. Para conter tal infração, o *status quo* viu-se compelido a controlar o discurso em torno do assunto, que, desde então, acabou servindo, muito mais, para negar o sexo e condená-lo ao anonimato.

No presente trabalho, resultado de pesquisas a respeito da pós-modernidade e seus pressupostos e implicações, enumeramos algumas formas de controle, utilizadas pelo *establishment* para refrear as condutas sexuais divergentes do comportamento heterossexual e monogâmico, centrado na célula familiar. Cabe ressaltar que, alguns dos mecanismos a serem mencionados (como o controle através da religião), embora não tenham partido especificamente da sociedade burguesa propriamente dita, ganharão espaço em nossa explanação, justamente por manterem uma afinidade com o intuito de refreamento da sexualidade.

O enfoque da homossexualidade e sua repressão também merecem atenção privilegiada. Nesse sentido, apresentar-se-á um breve retrospecto da prática homossexual nas civilizações antigas, em especial, na Grécia, chegando aos dias atuais, quando uma série de eventos, especialmente, o advento dos *mass media*, contribui para que minorias sexuais



adquiram maior visibilidade, quebrando, enfim, a hegemonia do discurso do sexo “natural”⁵.

O controle do sexo

Nos três últimos séculos, um verdadeiro aparato foi criado para discutir o sexo, documentar e transmitir o que é dito acerca dele. Nesta trajetória, a abordagem do tema não ocorreu fora das esferas de poder, pelo contrário; a burguesia procurou mediar os debates, direcionando, desta forma, os padrões tomados como “normais”. Assim, o século XVII:

seria o início de uma época de repressão própria das sociedades chamadas burguesas (...) denominar o sexo seria, a partir desse momento, mais difícil e custoso. Como se, para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível. (FOUCAULT, 1993, p. 21)

Ao inserir o sexo no plano da linguagem, procurou-se não só condená-lo ou tolerá-lo, mas geri-lo, gerenciar os impulsos sexuais e colocá-los dentro de um “sistema de utilidade”. O sexo submeteu-se a um sistema dicotômico, maniqueísta, onde só poderia existir o bem e o mal, o certo e o errado. E essa classificação seria ditada pelo poder e consolidada através da ciência e até mesmo da religião, tendo como principal instrumento o discurso. A culpa embutida em toda a filosofia ocidental estaria enraizada neste contexto de submissão e religiosidade.

No âmbito da ciência, acrescenta Foucault (1993, p.53), “pelo menos até Freud, o discurso sobre o sexo – o dos cientistas e dos teóricos – não teria mais do que ocultar continuamente o que dele se falava”.

⁵Esclareça-se: condizente com uma visão pós-estruturalista da sociedade, as considerações seguintes não objetivam, em um primeiro plano, o encadeamento e a relação direta entre eventos e ideologias envolvidas com a abordagem da sexualidade (embora, muitas vezes, essa conexão exista). A finalidade é, basicamente, abordar fenômenos que, a partir da sociedade burguesa, contribuíram para a mudança de rumos de uma determinada noção, que, em coletividades distintas (como na Grécia antiga), permitia uma maior expressividade de desejos sexuais díspares.



Na impossibilidade de falar do sexo como fonte de prazer, os cientistas priorizavam em suas teses as aberrações, extravagâncias excepcionais e perversões, tudo em favor de uma desqualificação das práticas que escapassem à relação homem-mulher; ao matrimônio, enfim.

Já a religião, embora desvinculada do *status quo* moderno, acabou sendo útil ao *stablishment*, na medida em que pregava a castidade antes do casamento, a monogamia e o sexo visando apenas à procriação. Tais posicionamentos foram intensificados nos países católicos, a partir da Contra-Reforma. Este movimento, surgido no século XVI, como alternativa ao avanço do protestantismo, tratou de introduzir o sexo como o principal tema das confissões, cuja frequência anual passou a ser estimulada. Assim, o desejo carnal ficou diretamente relacionado ao pecado; não somente o ato sexual, mas tudo o que se pensasse sobre o tema. A religião estabeleceu um imperativo: não confessar apenas os atos contrários à lei, mas procurar fazer de todo desejo um discurso, verbalizando o “pecado”.

A homoafetividade em xeque

A sexualidade, no entanto, já teve um sentido diferente, em momentos diversos da história da sociedade ocidental. Na Grécia Antiga, as éticas sexuais tinham como modelo as relações pederásticas e referiam-se aos chamados “amores masculinos” (Highwater, 1992). O que atualmente é fruto de preconceito, desconforto e questionamentos, na concepção dos gregos era tido como verdade absoluta. O desejo daquele povo pela beleza plástica, convertido no culto ao belo, era uma constatação de que a sexualidade, para eles, era desvinculada do pecado e do Mal. Ao contrário, ela conduzia ao prazer e ao Bem. Esta filosofia, entretanto, não se restringia aos gregos: “A julgar por aquilo que sabemos das culturas mais primitivas, dir-se-ia que os mitos, os ritos e as filosofias eram, comparativamente, positivos em sua concepção da existência. O prazer era mais prezado do que a dor”. (HIGHWATER, 1992, p. 96)

Para explicar a existência do homoerotismo e a prática tão comum do homossexualismo masculino, os gregos lançavam mão do mito de Aristófanes, segundo o qual havia um tempo em que eram três os gêneros da humanidade; o masculino (formado



por duas partes masculinas), o feminino (com duas partes femininas) e um terceiro, comum a estes dois, chamado de andrógino (formado pela junção de uma parte masculina a uma feminina). A forma desses seres tornava clara a sua dicotomia:

Inteira era a forma de cada homem, com o dorso redondo, os flancos em círculo; quatro mãos ele tinha, e as pernas o mesmo tanto das mãos, dois rostos sobre um pescoço torneado, semelhantes em tudo; mas a cabeça sobre os dois rostos opostos um ao outro era uma só, e quatro orelhas, dois sexos, e tudo o mais como desses exemplos se poderia supor. (PLATÃO, 1997, p. 32)

Tal constituição fazia com que os seres fossem fortes e vigorosos. No entanto, eles eram também presunçosos e decidiram conspirar contra os deuses. Indignado com tal audácia, Zeus decidiu, então, separar os seres duplos, dando origem aos homens, tal como existem hoje. Daí, a sensação de incompletude, inerente às pessoas, e a procura pela realização sentimental. Para os gregos, tendo em vista que havia seres de diversas constituições em sua origem, eram permitidas as relações com ambos os sexos nessa busca pela “outra metade”.

Na verdade, o cerne da sexualidade grega estava na ausência de uma política de dominação por trás do desejo. Não havia ideologias, nem dogmas, que guiassem o desejo para determinado rumo pré-estabelecido. Conforme concluiu Highwater:

Quando falamos da “bissexualidade” deles (dos gregos), imaginamos talvez que se davam ao luxo de escolher o sexo, mas o certo é que para eles a opção não expressava um desejo dual, ambivalente e bissexual (...) o que permitia desejar um homem ou uma mulher era o simples apetite que a natureza lhe havia despertado por seres humanos ‘belos’, fossem de que sexo fossem. (HIGHWATER, 1992, p. 96)

A atitude positiva da antiguidade, contudo, não perdurou na mentalidade ocidental. Teóricos das mais distintas correntes de pensamento buscam estabelecer um ponto na História, em que ocorreu a transformação da visão humana sobre sua sexualidade. Highwater adota em sua obra a teoria de Joseph Campbell:



Por volta do século VI a.C., deu-se aquilo que Joseph Campbell chamou “a Grande Inversão”, quando a visão prevalecente do mundo mudou da afirmação para a negação da vida, da expectativa da recompensa, do conforto e da inocência para a aceitação do castigo, do desconforto e da culpa. (HIGHWATER, 1992,p. 96)

Este é um momento considerado crucial na História, no qual a noção que se passou a ter do sexo culminou na concepção ocidental e cristã do pecado, que condicionaria, daí pra frente, o sexo à repressão e à culpa. Para o Cristianismo, o amor, a sensualidade e a paixão eram aberrações que deveriam ser combatidas pelo ser humano. Estaria nas mãos de cada um a expressão da culpa ou a redenção.

Além da questão religiosa, o fato é que o controle da sexualidade foi absorvido pela ideologia burguesa. Em relação ao “homossexualismo”, criou-se uma verdadeira barreira social e psicológica, relegando o sexo entre os iguais a uma era de culpa e de perseguição. Práticas desta natureza não só eram condenáveis do ponto de vista religioso, mas também, moral e também cívico. A condenação, aliás, já se fazia presente na denominação. Conforme explica Greensberg (1988), o termo “homossexualismo” servia à dicotomia entre o sexo considerado “normal” e os chamados “invertidos”, que encontravam o prazer com pares do mesmo sexo. Assim, o sufixo “ismo” indicava a qualificação do homoerotismo como uma doença⁶. Em contrapartida, o conceito de heterossexualidade definia a *normalidade*, através da crença enraizada na distinção bem definida entre os sexos. Havia, portanto, a ideia de que a identidade dos gêneros masculino e feminino e a identidade sexual estavam necessariamente vinculadas pela naturalidade da opção heterossexual.

Sem um modelo identificatório que o compatibilizasse com a ética sexual vigente, o homossexual foi posto à margem do sistema e enxergado como figura de exclusão ou, nas palavras de Jurandir Freire Costa, foi considerado

uma espécie de ser ocioso, dispensável, que, dependendo da necessidade, podia ser apresentado ora como um homem descartável, ou como um

⁶ Só em 1993, a Organização Mundial de Saúde excluiu o código 302.0 da Classificação Internacional de Doenças, deixando a homossexualidade de ser considerada “desvio e transtorno sexual”.



vampiro que sugava as forças, a saúde, a moralidade e o ímpeto para crescer, progredir e produzir, que eram a alma social da burguesia. (COSTA, 1992, p. 54)

A literatura produzida a partir do século XIX, acerca das diversidades sexuais, contribuiu para a manutenção da visão preconceituosa contra o homossexual. Em *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*, Freire Costa (1992) cita Balzac, como autor de obras em que o “homossexual” é caracterizado como um marginal, ou como um rebelde romântico. Esta visão reforçou as ideias de exclusão e estigma. O paralelo firmado entre anticonvencionalismo sexual e rebeldia moral foi o responsável pela formação de um dos clichês constitutivos da pretensa “identidade homossexual”. Segundo este ponto de vista, o homossexual seria um ser naturalmente apto a subverter moralmente a sociedade.

Já na versão naturalista da sexualidade, a homoafetividade era caracterizada como um desejo ou comportamento antissocial. Para Proust (Cf. COSTA, 1992), o homossexual era um exemplar da natureza, uma espécie, e seus representantes estariam fadados a ter o mesmo passado, a mesma herança cultural, além de desejos e aspirações comuns. Neste contexto fatalista, o homossexual nada mais era que um proscrito, que denotaria uma ameaça à saúde, à moralidade e à capacidade de crescimento e progresso que compunham a alma da sociedade burguesa.

Apesar do combate aos preconceitos, motivado por diversos fatores, como veremos mais adiante, a rejeição à homoafetividade ainda vigora na atualidade. Mesmo diante da aparente “liberalidade” em torno do sexo, o temor que hoje povoa as mentes humanas, quanto a ser ou não ser homossexual, é tão grande quanto o maior dos medos humanos. Tal postura niilista produz comportamentos perigosos, na medida em que inclui a segregação e o sentimento de superioridade, no equívoco de se tomar a diferença por sujeição.



Há provavelmente mais risco de perversão na montagem social que opõe heterossexuais a homossexuais do que nas chamadas relações homossexuais. Sobretudo naquelas formas extremas de preconceito, onde o heterossexual posiciona-se como sabendo qual a legalidade da natureza e fazendo do homossexual instrumento de seu suposto acesso ao saber paterno. (COSTA, 1992, p. 93)

A “cultura de privação”, conforme Freire Costa (1992), na qual predominam a discriminação e o preconceito, gera respostas diversas, às vezes agressivas, outras, até desesperadas, que variam de acordo com o grupo homossexual⁷. A “subcultura camp”, ainda citando Freire Costa, é uma delas e caracteriza-se pelo comportamento exagerado, propositalmente efeminado e que tem, muitas vezes, o objetivo de chocar e despertar a atenção para a diversidade.

A cultura clandestina do gueto é outra forma de se posicionar diante da ordem social vigente. Restrita a locais específicos, como saunas, boates e até prostíbulos, a prática homossexual acaba convertendo-se em promiscuidade, reforçando, ainda mais, o estereótipo e o preconceito, além da manutenção de comportamentos de risco, que potencializam os riscos de proliferação das doenças sexualmente transmissíveis, como a Aids.

Por fim, há também indivíduos que encaram de forma repressiva a homossexualidade, acabando por adotar a conduta da ansiedade e da depressão crônica, representada, muitas vezes, pela adesão à heterossexualidade conjugal. São pessoas capazes de se adequarem aos papéis de marido e de pai, sem, contudo, eliminarem o desejo homossexual, o que gera angústia, sentimentos conflitantes e crise de identidade.

O sexo explicitado

Embora todo esse contexto de perseguição, segregação e violência ainda tenha considerável impacto na contemporaneidade, a partir do século XX, classes marginalizadas,

⁷ Enumeramos, no presente estudo, alguns padrões comportamentais que representam reações ao preconceito e à segregação. Evidentemente, cada vez mais, na atualidade, assistimos à uma postura afirmativa, por parte daqueles que acatam sua sexualidade de maneira positiva, sem tantos traumas.



inclusive do ponto de vista sexual, foram encontrando espaços no sistema vigente, para exporem seus pontos de vista, ainda que recebidos inicialmente com estranheza e, até mesmo, repugnância pela sociedade. O fundamental é que os ideais divergentes conseguiram se infiltrar no discurso corrente, quebrando uma hegemonia do "dispositivo de aliança" que imperou durante a história moderna ocidental.

A psiquiatria, a jurisprudência e a própria literatura, discursos originalmente adotados para controlar socialmente as práticas não-convencionais, acabaram possibilitando também a constituição de um discurso de reação: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua "naturalidade", muitas vezes com um vocabulário científico, dentro das categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico. Assim, consideramos que, nas últimas décadas, os mecanismos de repressão começaram a perder força, especialmente, na pós-modernidade.

É neste atual contexto que a multiplicidade de discursos, agora facilmente propagáveis através dos meios de comunicação – em especial, da Internet –, vêm agregando as diversas práticas sexuais. A arte na pós-modernidade, e até mesmo a cultura de entretenimento, acabam contribuindo para uma certa "democratização" do discurso sobre o sexo. O experimentalismo e a segmentação de mercado permitem que se ofereça ao público mostras da diversidade, entreabrindo as portas de um mundo, outrora, marginal⁸.

Considerações finais

A multiplicidade de vozes é um dos preceitos da pós-modernidade. Múltiplas mônadas irrompem, cada vez mais, o fluxo unilinear de relatos, predominante em outros tempos, construindo arranjos rizomáticos, redes de narrativas que se entrecruzam no cenário cultural de nossa era. A esse fenômeno, o ensaísta italiano Gianni Vattimo chama de "sociedade transparente", pela possibilidade de pluralização do discurso, graças aos diversos canais que se apresentam na sociedade midiática. Para o filósofo, esse contexto

⁸ Citamos, como exemplos, a repercussão de eventos na mídia, como as paradas gays, que atraem milhões de pessoas; abordagens, na publicidade, em filmes, telenovelas e até nos quadrinhos, de personagens homossexuais, não apenas de modo pejorativo, mas, de modo a eliminar estereótipos e preconceitos.



também resultaria em uma visão diferenciada acerca da experiência – podendo, esta, “adquirir os aspectos da oscilação, do desenraizamento, do jogo” (VATTIMO, 1992, p. 65).

É com base nesse constructo que concluímos: tal advento, se *ainda* não efetivou a democratização para classes e grupos sociais na contemporaneidade, pelo menos tornou nossa época mais caótica e multifacetada. E é justamente no caos, caracterizado pelos discursos distintos captados e difundidos pelos *mass media*, que as esperanças de emancipação e liberalidade das minorias, inclusive as sexuais, estão depositadas. Vattimo discorre um pouco mais sobre a questão:

O que de fato aconteceu, porém, não obstante todos os esforços dos monopólios e das grandes centrais capitalistas, é que a rádio, a televisão, os jornais se tornaram elementos de uma grande explosão e multiplicação de *Weltanschauungen*, de visões do mundo. (VATTIMO, 1992, p. 15)

A pluralidade permeia, na atualidade, não somente as relações sociais, a arte e os fenômenos midiáticos. Múltiplas visões de mundo e condutas alternativas já atingem, inclusive, as relações interpessoais. Atualmente, a palavra de ordem parece ser mesmo “heterogeneidade” – que busca ser reconhecida como legítima. Vaitsman relata que:

O pós-moderno no casamento e na família caracteriza-se pelo fato de que, em circunstâncias contemporâneas, diferentes padrões de institucionalização das relações afetivo-sexuais passaram legitimamente a ‘coexistir, a colidir, a interpenetrar-se’. Entre grupos sociais – como as classes médias urbanas – onde predominavam normas mais rígidas de comportamentos, papéis sexuais dicotômicos, a heterogeneidade e a diversidade impuseram-se, como práticas e como discurso. O casamento moderno e a família conjugal moderna, cada vez mais, passaram a conviver legitimamente com uma pluralidade de outros padrões de casamento e família. (VAITSMAN, 1994, p. 52)

Mesmo que tais fenômenos não representem, por si só, o fim dos preconceitos contra as sexualidades divergentes e o término da manipulação das condutas sexuais a serviço do sistema, é inegável que houve progressos rumo à democratização do conceito de sexo. Ainda que o resgate da atitude positiva da antiguidade seja apenas uma longínqua



utopia, pode-se afirmar que os tabus em torno de condutas alternativas já não são tão perenes. A atual sociedade, pelo menos, admite a existência das minorias sexuais e ocupa-se de problematizar a legitimidade de seus discursos, direitos e deveres.

Referências Bibliográficas

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Historia da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GREENBERG, David F. **The construction of homosexuality**. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

HIGHWATER, Jamake. **Mito e sexualidade**. São Paulo: Saraiva, 1992.

PLATÃO. **O banquete: ou do amor**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self: a construção da identidade moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais: Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Biblioteca de filosofia contemporânea. Lisboa: Edições 70, 1992.